

EXPERIÊNCIAS COM ARGILA NA EDUCAÇÃO DAS ARTES VISUAIS EM CONTEXTO DE ESTÁGIO

Experiencias con arcilla en la educación de las Artes Visuales en contexto de práctica curricular

Denise Castanha de Avila de Lemos
Universidade Federal de Pelotas – UFPel,
Artes Visuais – Licenciatura,
denlemos@gmail.com

Maristani Polidori Zamperetti
Profa. Dra., Universidade Federal de Pelotas – UFPel,
maristaniz@hotmail.com

RESUMO

A pesquisa em questão apresenta a argila como um material expressivo, que pode participar dos processos de ensino e aprendizagem de Artes Visuais, de forma a colaborar no desenvolvimento do potencial criativo e sensível do aluno, incentivando o mesmo a pensar, sentir, produzir e agir no contato com esta materialidade. Desta forma, o propósito do trabalho é pesquisar sobre a importância das vivências com a materialidade da argila no ambiente escolar, no contexto de uma experiência no Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Artes Visuais – Licenciatura (CA/UFPel). O que se percebe é que, geralmente, as atividades se limitam à exploração do material, e os objetos criados são posteriormente negligenciados, diferente do que ocorre com desenhos e pinturas, por exemplo. Porém, entende-se que estas produções tridimensionais são muito importantes para o conhecimento da produção das crianças e dos adolescentes, que mostram o desenvolvimento e expressão do seu “eu” e do mundo em que vivem. A argila proporciona um conhecimento sensível, pois no contato direto com esse material, os estudantes têm condições de manipular e criar formas com o barro, tendo em vista que se trata de um material vivo, que por si só tem uma ação que conduz ao equilíbrio. Amassar a terra e dar-lhe forma são gestos primitivos que, trabalhados junto ao conhecimento sobre a história da arte pré-histórica, indígena e africana, influem, consideravelmente, na dinâmica humana, promovendo a autoconfiança e o autodomínio.

Palavras-chave: Argila; Educação Sensível; Estágio Curricular Supervisionado

RESUMEN

La investigación en cuestión, presenta la arcilla como material expresivo, que puede agregar mucho en los procesos de enseñanza y aprendizaje de Artes Visuales, para colaborar en el desarrollo y potencial creativo mas sensible del alumno, incentivando al mismo, a pensar, sentir, producir y actuar con el contacto de esta materialidad. De esta forma, el propósito del trabajo es investigar sobre la importancia de las vivencias y de trabajos construídos con arcilla en el ambiente escolar, dentro del contexto de experiencias, en las Etapas Curriculares Supervisadas del Curso de Artes Visuales - Licenciatura (CA / UFPel). Lo que se percibe es que, generalmente, las actividades se limitan a la explotación del material, y los objetos creados son posteriormente descuidados, diferente de lo que ocurre con dibujos y pinturas, por ejemplo. Sin embargo, se entiende que estas producciones tridimensionales son muy importantes para el conocimiento de la producción de niños y adolescentes, que muestran el desarrollo y expresión de su "yo" y del mundo en que viven. La arcilla proporciona un conocimiento sensible, pues en el contacto directo con ese material, los estudiantes tienen condiciones de manipular y crear formas con barro, teniendo en vista que se trata de un material vivo, proveniente de la tierra, que por sí solo tiene una acción que conduce al equilibrio . Amasar el barro y darle formas son gestos primitivos que, trabajados junto al conocimiento sobre la historia del arte prehistórico, indígena y africana, influyen considerablemente en la dinámica humana, promoviendo la autoconfianza y el autodomínio.

Palabras clave: Arcilla; Educación Sensible; Etapa Curricular Supervisada

A expressividade infantil e o sensível

Procurei, desde o início de meus estudos, entender os processos sensíveis propostos ao aluno dentro da escola, pois acredito que o ensino tem como uma de suas principais funções a de construir sujeitos sensíveis que tenham um olhar aflorado para ver, entender e se constituir como cidadãos no mundo. A educação da sensibilidade

[...] pressupõe necessariamente uma educação sensível, isto é, um esforço educacional que carregue em si mesmo, em métodos e parâmetros, aquela sensibilidade necessária para que a dimensão sensível dos educandos seja despertada e desenvolvida. A educação precisa ser suficientemente sensível para perceber os apelos que partem daqueles a ela submetidos, mais precisamente de seu corpo, com suas expressões de alegria e desejo, de dor e tristeza, de prazer e desconforto (DUARTE JÚNIOR, 2010, p. 30-31).

Assim, por meio da interação com os alunos, em propostas educativas formais e informais, me envolvo em estudos teóricos e práticos, que promovam uma fusão de saberes e para que a sensibilidade minha e dos alunos seja desenvolvida.

Porém, “a educação” é apenas uma abstração, um genérico quase fantasmagórico, o produto total do exercício cotidiano de inúmeros educadores, estes sim, concretos e viventes. De onde se depreende que, na realidade, uma educação do sensível só pode ser levada a efeito por educadores cujas sensibilidades tenham sido desenvolvidas e cuidadas, tenham sido trabalhadas como fonte primeira dos saberes e conhecimentos que se pode obter acerca do mundo (DUARTE JÚNIOR, 2010, p. 30-31).

Estudei em um regime militar, vivi a ditadura e não via a aposta no saber sensível dentro das escolas; o que percebia era que as vivências e experiências perdiam espaço para a mecanização das atividades, e por não concordar com estas metodologias tecnicistas, sempre me senti como não fazendo parte da escola.

Após mais de 25 anos de afastamento da escola, retornei como aluna de graduação e passei então a tentar entender como a educação poderia contribuir na formação do aluno por meio das Artes Visuais e de quanto o arte/educador pode ajudar neste processo. Estudando Duarte Júnior (2001) senti-me provocada a pensar na necessidade de uma educação estética que se ocupe com nossos sentidos e valorize o saber sensível que está em nosso cotidiano, uma vez que nossos saberes são múltiplos, e aprendidos no cotidiano. O aluno leva estes saberes para dentro da sala de aula, e vejo que o arte/educador deve valorizar este saber agregando a ele o conhecimento intelectual.

Duarte Júnior (2001) afirma que a sensibilidade, a emoção e a percepção jamais devem ser desprezadas em nome do “verdadeiro conhecimento”. O autor nos faz um alerta sobre a relação direta com nossos sentidos no dia-a-dia, considerando:

A casa onde moramos, os lugares por onde caminhamos, aquilo de que falamos e aqueles com quem conversamos, o alimento que ingerimos e a maneira como ganhamos a vida, além de darem um sentido, de emprestarem um significado à nossa existência, também estão diretamente relacionados com o nosso corpo, com as nossas sensações, percepções e sentimentos (DUARTE JÚNIOR, 2001, p. 78).

Acredito que a escola não deve ser um espaço apenas do conhecimento intelectual, mas também de um saber sensível. Essa compreensão revela uma concepção de educação como um processo formativo do ser humano que colabora no desenvolvimento dos sentidos e significados fundamentais para apropriação de uma sensibilidade que permita uma percepção mais apurada do mundo, sendo essa sensibilidade adquirida por meio de um processo que o próprio sujeito estabelece nas suas relações e que o faz desenvolver seus sentidos.

Duarte Júnior afirma que o saber é corporal e que o agregamos pela capacidade humana de sentir com o corpo. Tudo é apreendido primeiramente pelos sentidos, pois, ao olhar, tocar, cheirar, ouvir, saborear, o corpo dá conta desses registros. Durante os encontros em sala de aula temos que valorizar os sentidos despertando a capacidade estética e sensível do aluno através de proposições artísticas.

Não poderia deixar de enfatizar o papel da arte na formação de crianças, jovens e adultos e sua preparação como sujeitos críticos e sensíveis, vivendo em uma sociedade em que se valoriza as iniciativas pessoais, autonomia, criatividade e flexibilidade para novas situações... Fazer e pensar artístico e estético (FERRAZ; FUSARI, 2009, p.13).

O conhecimento da arte para a criança é a oportunidade de mergulhar em um mundo cheio de oportunidades sensíveis e expressividades. Para tanto, é importante a compreensão dos fazeres e desejos infantis.

A criança exprime-se naturalmente e se comunica tanto do ponto de vista verbal, como plástico, musical ou corporal sempre motivada pelo desejo da descoberta e por suas fantasias. Ao acompanhar o desenvolvimento expressivo e comunicativo da criança percebe-se que ele resulta das elaborações das sensações, sentimentos, percepções vivenciadas intensamente. Por isso quando ela desenha, pinta dança e canta, o faz com vivacidade e muita emoção... Com efeito, é sempre em contato com o outro que a criança aprimora seus pensamentos, suas descobertas e seu fazer em arte (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 85).

Sabemos que a criança é movida pela curiosidade e necessidade de contato com materialidades diversas, e que através das propostas do professor, procura expressar suas

ideias e emoções, formando um conjunto de ações que potencializa a busca pelos conhecimentos, vinculando-os às suas experiências de vida, cultura e cotidiano.

A Abordagem Triangular é uma das mais reconhecidas propostas em Arte/Educação, e foi desenvolvida pela professora Ana Mae Barbosa. Esta abordagem foca na produção, contextualização e leitura de imagens e de obras de arte. Ela surgiu no início dos anos 90 e continua sendo uma base fundamental de estudo no campo. Conforme aponta a autora:

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens (BARBOSA, 1998, p. 17).

A “contextualização” da obra de arte, segundo Barbosa (2003, p. 142), não consiste somente em apresentar uma situação ou descrevê-la historicamente, “[...] mas também social, biológica, psicológica, ecológica etc.; pois contextualizar não é só contar a história do artista que fez a obra, mas também estabelecer relações dessas com o mundo ao redor, é pensar sobre a obra de arte de forma mais ampla”.

Para Barbosa (1998), o quesito “leitura”, consiste nas abordagens interpretativas que devem ser compreendidas pelo professor-mediador, pois proporcionam aos alunos distintas opções de vivenciar as experiências estéticas, dentro de uma enorme pluralidade de leituras e interpretações, com critérios definidos, considerando também a ótica e a vivência do educador.

Cabe a nós arte/educadores, trazer ao aluno a possibilidade de encontrar seu próprio caminho, desenvolvendo saberes por meio de decisões estéticas de acordo com seus contextos culturais, como também ampliando seu repertório artístico e cultural por meio do ensino de Artes Visuais.

A Arte é promotora de sentidos, sensibilidades e saberes. Por isso, vivencio a arte e a licenciatura como grandes facilitadoras para que entendamos o sentido das coisas vividas, e ordenemos e/ou desordenemos o conhecimento de nós mesmos como pessoas. Por meio deste processo é possível desenvolver a sensibilidade para nossa vida e a vida de nossos próximos, e procuro passar a importância da educação do sensível para os alunos e colegas de escola, pois acredito que com pequenos gestos podemos fazer grandes transformações para uma sociedade melhor, onde as pessoas se conheçam e respeitem a si e ao seu próximo.

Torna-se necessário, então, pensar os processos de construção do conhecimento para novos e sensíveis olhares, mudando o olhar para o mundo, num cultivo da própria sensibilidade em fazeres artísticos críticos e sensíveis à percepção, imaginação e experiências práticas.

Uma experiência de estágio no contexto escolar

O estágio foi realizado na turma de terceiro ano do ensino fundamental, em uma escola pública estadual situada em bairro próximo ao centro da cidade. Foram ministradas trinta horas/aula, em períodos semanais variáveis – de três a cinco. A média de alunos em sala de aula circulou entre 20 e 25, todos na faixa etária regular entre nove e dez anos de idade.

A coordenadora pedagógica e a professora titular da turma sempre se colocaram a disposição, caso fosse necessário, e a professora deixou que o conteúdo fosse de minha livre escolha.

Escolhi trabalhar o estágio através de oficinas, por se tratar de uma metodologia que venho pesquisando e aplicando enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID/UFPel, desde 2014, em algumas escolas do município. Particularmente, percebo que esta é uma metodologia que possibilita formas de comunicação diferenciadas, onde o grupo faz parte de uma equipe de trabalho. Tal visão está apoiada na fala de Vieira (2002, p. 17), quando afirma que “[...] através da oficina, podemos ensinar de forma mais humanizada, onde a cultura e os valores dos alunos participantes são respeitados. As oficinas promovem a abertura de um espaço de aprendizagem alternativo”.

Trabalhar as oficinas de arte com os alunos é possibilitar uma forma dinâmica de aprendizado, onde o aluno pode refletir e possivelmente, entender as dificuldades que os povos da época em estudo encontravam para confeccionar seus trabalhos, entendendo seus hábitos e costumes. Por exemplo, a compreensão sobre a arte rupestre, que foi um dos temas tratados neste estágio.

O primeiro encontro realizou-se no dia 17 de outubro de 2016, e o tema escolhido foi a arte rupestre. Compreendo que é importante destacar, em sala de aula, que o território brasileiro é rico em testemunhos arqueológicos. Nosso país possui hoje dezenove sítios inscritos na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO, onde estão registradas importantes evidências da história do nosso continente e de nosso país.

São os sítios arqueológicos com vestígios dos caçadores que iniciaram a ocupação da América do Sul, os monumentais sambaquis do litoral, as inúmeras aldeias de grupos ceramistas dispersas por todo o país que contém informações sobre o passado do que é hoje o território brasileiro e a diversidade cultural que foi passo a passo aqui se instalando (GASPAR, 2006, p. 07).

Para contextualizar o assunto elaborei o material teórico e levei livros com ilustrações deste período, possibilitando assim aos alunos o manuseio de livros de artes. Esta atividade serviu para apresentar às crianças a pesquisa através de livros físicos, visto que, no encontro para realização de diagnóstico e observação, os mesmos sinalizaram não ter o hábito de consulta em livros – faziam suas pesquisas apenas pela internet.

Organizei uma roda de conversa sobre as diferenças do cotidiano entre o homem do presente e o homem das cavernas. Logo após, propus a criação de uma representação rupestre com argila, carvão e giz de cera (Fig. 1).



Figura 1 - Alunos trabalhando no painel. Fonte: Arquivo pessoal.

Aproveitei para dialogar sobre a conservação dos desenhos em cavernas até a atualidade. Neste dia, devido à chuva, poucos alunos compareceram. Perante o excesso de umidade, não foi possível colocar os alunos sentados no chão, portanto optei por fazer o trabalho em duplas, com as classes unidas. Após, o trabalho foi colocado na parede da sala de aula (Fig. 2).



Figura 2 - Alunos no painel exposto na sala de aula. Fonte: Arquivo pessoal.

No segundo encontro, realizado em 24 de outubro de 2016, a turma estava completa. Retomei as explicações da aula anterior, e mostrei novamente os livros de artes.

Na primeira parte da atividade do dia, construímos as tintas com materiais simples e de fácil acesso. Utilizamos temperos de cozinha como açafrão e colorau, além de argila escolar, barro terracota e outros tons, e um barro retirado das margens do São Gonçalo, na divisa das cidades de Pelotas e Pedro Osório. Para a pigmentação, utilizamos beterraba e amora. A turma ficou muito satisfeita com o processo de fabricação da pigmentação, e também com o resultado final das tintas.

Na sequência, iniciamos uma roda de conversa para dialogar sobre as pinturas das cavernas. Questionamos quais fatores influenciam na conservação destas pinturas, os motivos pelos quais elas duram até o hoje, e a importância destes registros para a história da humanidade. Coloquei alguns metros de papel pardo no chão da sala de aula e trouxe alguns questionamentos com relação a como seriam as paredes das cavernas, onde eram feitos os registros rupestres, e como poderíamos transformar aquele papel pardo em uma espécie de “parede de caverna”. Eles logo observaram que o papel era muito lizo, e começaram a amassar o mesmo para criar uma textura, com o intuito de imitar uma parede rochosa. Os desenhos, então, foram feitos sobre esse papel, bem como as impressões com as mãos tintadas de argila (Fig. 3).



Figura 3 - Confeção do painel. Fonte: Arquivo pessoal.

Expliquei para os alunos que pela necessidade de comunicação, o ser humano começou a se expressar por meio de imagens.

Um dos primeiros registros da comunicação advém das pinturas feitas pelo homem nas paredes das cavernas – pinturas rupestres – datadas aproximadamente há 25.000 anos a.C. Os pigmentos naturais são os principais elementos utilizados na obtenção da cor: suas partículas ligadas por aglutinantes são os responsáveis pelo surgimento da cor e sua utilização no decorrer da história (VISUAL ARTE, 2017).

No terceiro encontro realizado no dia 31 de outubro de 2016, conduzi a turma à sala de vídeos, para assistirmos ao filme “Tainá”, propondo uma introdução para o assunto do dia – a arte indígena.

O filme conta as aventuras de uma jovem índia órfã que vive com seu avô, o velho e sábio Tigê, em um recanto do Rio Negro, na Amazônia. Com Tigê, ela aprende as lendas e histórias de seu povo, convivendo intimamente com a floresta e seus animais. Aos poucos, Tainá torna-se uma guardiã da floresta e consegue salvar um pequeno macaquinho de cair nas garras de um traficante. Apelidado de Catú, o novo amiguinho passa a ser seu companheiro após a morte do avô. Protegida por um amuleto deixado por Tigê, Tainá segue na luta em defesa da selva. Perseguida pelo traficante, a indiazinha vai parar em uma pequena vila onde mora uma bióloga e seu filho Joninho, que a contragosto está acompanhando a mãe em suas pesquisas científicas. O convívio entre eles se torna difícil e Tainá resolve deixar a vila, mas Joninho, que já planejava uma "fuga" para pregar uma peça na mãe, a segue e aprende com

ela a sobreviver na floresta (WIKIPÉDIA, 2017).

A partir da exposição do filme, conversamos sobre o que os alunos entenderam, e solicitei que eles modelassem peças utilitárias com a argila, a partir de suas compreensões sobre a arte indígena. Nesta aula tive o apoio de dois acadêmicos monitores de Cerâmica do Centro de Artes/UFPel (Fig. 4).



Figura 4 - Modelagem em argila. Fonte: Fonte: Arquivo pessoal.

A modelagem com argila favorece o jogo simbólico, pois através dela as crianças dão significados às formas que elaboram, e as modificam a medida que trabalham. Dessa maneira, permite-se que os alunos estabeleçam uma relação mais completa com os sentidos, principalmente o tato e a visão, além de liberar seus movimentos e desenvolver a percepção e a psicomotricidade, fatores importantes na sua formação. Ao trabalhar com a argila vale bater, enrolar, furar, torcer, beliscar, amassar, puxar ou alisar com os dedos molhados (Fig. 5 e 6).



Figura 5 – Alunos modelando. Fonte: Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 6 - Peças criadas pelos alunos, e realização de desenhos a partir destas construções. Fonte: Fonte: Arquivo pessoal.

Outro ponto a ser considerado é a liberdade proporcionada pelo trabalho com argila: a manipulação do barro é um meio eficaz no processo de liberdade do indivíduo, propicia lazer e ainda liberta os movimentos, desenvolvendo a percepção. A modelagem permite que expressemos nossos pensamentos sem precisar exprimir palavras: o movimento, a forma, o volume e o gesto trazem a linguagem viva do mundo interior, refletindo o caráter e o temperamento com fortes impressões da personalidade (GABBAI, 1987, p. 15).

De acordo com Iavelberg (2006), este material traz satisfação e tranquilidade, uma vez que a plasticidade da argila permite que a obra seja destruída e reconstruída com facilidade. Toda a ação externa reflete uma interioridade percebida pelo modelador.

O mês de Novembro é considerado o “Mês da Consciência Negra” (PALMARES, 2017). Desta forma, para comemorá-lo, fizemos a produção de máscaras inspiradas nas tradicionais máscaras da cultura africana. Realizei esta atividade apoiada na Lei 11.645, que ressalta a valorização e o destaque para as culturas afro-brasileira e indígena, com vistas à superação do racismo e das desigualdades raciais. Carlos da Silva (2003, p.08) sinaliza que o resgate de nossas raízes é

[...] uma atitude necessária para estimular e construir a conscientização de autoestima, noção de pertencimento e identidade nacional, que são os aspectos de nossas identidades que emergem de nosso “pertencimento” às culturas: étnicas, raciais, linguísticas e religiosas. Este processo, de construção da identidade nacional, conta e se apoia, entre outros, nas novas diretrizes e conteúdos da educação, onde se destaca a valorização e a recente introdução, obrigatória, dos estudos das histórias e culturas afro-brasileira e indígena, nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados (SILVA, 2013, p. 08).

Através da oficina de construção de máscaras, com temática referente à história e à cultura africana, podemos dialogar sobre a identidade e a formação cultural brasileira. A metodologia do trabalho consistiu em realizar oficinas de construção de máscaras com material reciclado, utilizando caixas de papelão e tinta. Ainda que o trabalho não tenha sido realizado com argila, acredito ser importante relatá-lo aqui, tendo em vista que era também uma decorrência do trabalho anterior realizado em modelagem.

Com o objetivo de divulgar, valorizar e reconhecer as produções realizadas por todos os alunos durante o período do estágio, trouxe a eles uma aula explicativa sobre obras de artes e exposições de artistas, demonstrando que as suas produções poderiam também ser expostas na escola. Tendo apoio na fala de Ferraz (1992, p. 53.): “A produção artística, além de sua concretude física, material, é também uma manifestação imaginativa, cognoscitiva, logo, comunicativa e cultural de seus criadores”.

Após a explanação, e motivados pelos resultados obtidos, decidimos, em grupo, realizar uma exposição com os trabalhos sobre as artes rupestre, indígena e afro-brasileira. Este momento foi considerado não apenas como uma oportunidade de apreciação do trabalho da turma, mas também de interação com a comunidade escolar e a família de cada aluno. Desta forma, iniciei a organização da exposição.

Através de convites impressos (Fig. 7), mobilizamos a comunidade escolar e as famílias dos alunos para a participação na exposição.

Fui tomada por um sentimento de medo e apreensão neste momento, pois tive receio que os familiares não comparecessem, entristecendo os alunos. Porém, este foi um risco que precisei correr, já que objetivava uma maior interação com a família e a escola, uma vez que acredito que família e escola podem – e devem – trabalhar juntas, propiciando ao aluno mais confiança e segurança na aprendizagem, criando questionamentos e estabelecendo diálogos, para assim fomentar a criação de cidadãos críticos, capazes de enfrentar a complexidade de situações que surgem no cotidiano da sociedade em que vivem. Em conversa com a direção da escola obtive todo apoio necessário para a exposição, tendo assim a liberação do pátio coberto, mesas, acesso livre para entrada dos pais na escola – ressaltando que para entrar na escola tem-se que passar por um portão de acesso eletrônico e apenas com autorização. A direção comunicou a todos os professores da possibilidade de visita e apreciação do trabalho da turma de 3º ano. Este apoio foi especial, principalmente para os alunos, que demonstravam muita satisfação em saber que as professoras da secretaria estavam apoiando a turma neste trabalho. As crianças ficaram muito entusiasmadas pelo fato de poderem mostrar seus trabalhos. Um dia antes da exposição selecionamos os trabalhos e organizamos o material para a exposição.

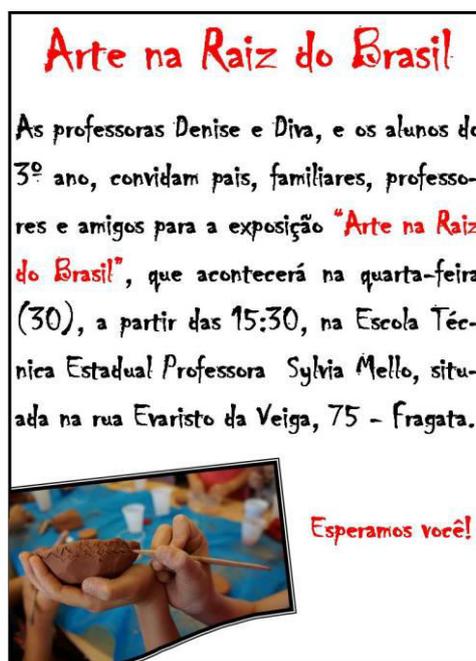


Figura 7 – Cartaz da exposição “Arte na Raiz do Brasil”. Fonte: Arquivo pessoal.

No dia da exposição os alunos estavam eufóricos e agitados, até o momento em que começamos a montar as mesas e expor as fotos. Deixei que eles organizassem a montagem. Inicialmente dei a sugestão de dividirmos a turma em três grupos, onde cada grupo seria responsável por uma parte da exposição, e assim foi feito. Os grupos eram mistos, ficando a divisão da seguinte forma: um grupo para a seleção e exposição de fotos, outro para a organização do material nas mesas e o terceiro para a colocação do painel em estilo Arte Rupestre, e a colocação das maquetes. Todos participaram da organização da exposição e ficaram até o final da atividade.

Foi gratificante ver o trabalho em grupo, e saber que não recebi relatos de brigas ou discórdia entre os eles. Vejo este resultado como positivo em relação ao tempo que trabalhamos com o compartilhamento de material, uma vez que, durante as oficinas, precisamos desenvolver a paciência e o respeito em relação ao tempo de cada um, pois muitas vezes precisamos ficar esperando o colega terminar o uso de uma ferramenta.

O momento em que os pais e familiares entraram na escola foi de muita alegria para os alunos e confesso que para mim também, afinal, até a chegada deles eu estava apreensiva, já que via a importância de ter a família na escola. As crianças ficaram dizendo para mim qual parente iria visitar a exposição. Assim que os familiares chegavam os alunos faziam questão de me apresentarem cada um e logo mostravam os artefatos expostos, especialmente seus

trabalhos. Recebi elogios dos pais, e alguns relatos de melhoria de comportamento em função dos trabalhos de artes. A exposição foi visitada por várias turmas da escola. Os alunos explanaram sobre os trabalhos e responderam as perguntas dos visitantes. Neste momento percebi o quanto eles tinham aprendido e evoluído, uma vez que não ensaiamos nada: as falas foram de improviso e contavam com muita riqueza em detalhes. Muitos pais publicaram em redes sociais fotos da exposição e de seus filhos “artistas”, com relatos em agradecimento.

O título “Arte na Raiz do Brasil” partiu da frase dita por um aluno durante as oficinas para criação de tintas com materiais naturais. A exposição trouxe uma mostra parcial de trabalhos, estudos, opiniões e reflexões a partir dos estudos que os alunos realizaram sobre as artes rupestre, indígena e afro-brasileira, realizadas pela turma do 3º ano da escola, com objetivo de compreenderem e conhecerem, mais profundamente, a arte e cultura brasileira.

Enquanto turma, consideramos que a inserção da temática das artes rupestre, indígena, africana e afro-brasileira, é demasiado importante para conhecermos a formação do povo brasileiro. Reconhecendo-nos como parte integrante de uma sociedade multicultural, é possível incentivar o respeito e o contato intercultural, apresentando aos alunos a atual realidade de índios e afro-brasileiros.

Através da arte podemos expor nossos sentimentos e emoções, e registrar acontecimentos através da informação e do esclarecimento do passado – uma vez que só sabe para onde vai, quem conhece e respeita de onde vem – para a construção de um futuro mais solidário onde exista igualdade entre todos, sejam eles brancos, negros ou pardos.

Trago, ao final desta caminhada, o emocionante depoimento (Anexo A) que recebi da professora titular da turma, Diva Cândida Medeiros, que afirmou ter sido este período mais do que um estágio, e sim uma troca constante de experiências e aprendizado para ela, bem como para os alunos. Diva afirmou ainda que “a professora Denise trouxe um frescor para a turma, trouxe um sopro de novidades, de atividades não rotineiras que despertaram nos alunos a participação em grupo, ajuda mútua, criatividade e organização, e aguçou a capacidade de ouvir”. Encerro este trabalho com orgulho de ter gerado uma relação de tamanho carinho entre eu, a professora Diva e os alunos desta turma, citando novamente suas palavras onde afirma que “a turma simplesmente cresceu com as experiências vivenciadas nas aulas da professora Denise. E posso afirmar também que atualmente carregam no peito com carinho as lembranças da professora e do seu trabalho”.

Este gratificante trabalho, encerra minhas atividades da disciplina de Estágio

Curricular Supervisionado I do Curso de Artes Visuais – Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas – UFPel.

Usufruam destas imagens (Fig. 8 a 15)¹, como nossa turma usufruiu dos ensinamentos da arte.



Figura 8 – Exposição das atividades dos alunos.



Figura 9 – Alunos admirando as peças.



Figura 10 – Livros apresentados em sala de aula.



Figura 11 – Pais, responsáveis e alunos visitando a exposição.



Figura 12 – Alunos conferindo os painéis feitos em aula.



Figura 13 – Detalhe das peças confeccionadas pelos alunos.

¹ Todas as imagens a seguir foram retiradas do arquivo pessoal da autora.



Figura 14 – Turma do 3º ano e suas realizações em sala de aula.



Figura 15 – Depoimentos dos pais em destaque nas redes sociais.
Fonte: Rede social Facebook.

Reflexões conclusivas

Trabalhei como proposta de ensino e aprendizagem, o manuseio e o conhecimento da argila, visando que os alunos pudessem dialogar com o material, encontrando momentos de prazer, sensibilidade, pesquisa, criatividade, espontaneidade e de produção plástica e poética. Busquei desta forma, a construção de uma prática de ensino em artes com material de fácil acesso e voltado para a sensibilização e o cuidado, como uma ação de respeito para todos os envolvidos.

Durante o período de estágio observei o quanto a interação, as experiências, e as vivências construídas em sala de aula são importantes para o aprendizado do aluno e do professor.

Realizei este trabalho com muito cuidado, sempre atenta na evolução de cada aluno e nos seus fazeres, na apreciação e na contextualização de suas produções artísticas.

Dentro da proposta trabalhei com as produções tridimensionais, que são muito importantes para o conhecimento da produção das crianças e que mostram o desenvolvimento e expressão do seu “eu” e do mundo em que vivem. Levar o aluno a vivenciar atividades práticas onde ele pode lidar diretamente com os elementos da modelagem e da escultura fazendo, se expressando, se comunicando e pensando visualmente, foi muito gratificante.

Sentimentos como apreensão e euforia se misturam, tendo em vista que a expectativa de aliar a teoria com a prática pode não ser plenamente atingida – e acredito que nunca o será, pois seria o mesmo que dizer que nada mais falta a aprender. Entendo que estas práticas reforçam significativamente as relações sociais, nas quais se encontram as possibilidades de uma vida melhor para todos.

Analiso positivamente este trabalho, tendo em vista que alcançamos os objetivos propostos, uma vez que houve a participação de todos os alunos nas atividades, tendo eles se mostrados sempre parceiros e cooperativos.

A experiência no Estágio Curricular Supervisionado me colocou frente à realidade escolar e no contato com as dificuldades do cotidiano do docente. Além de realizar a inserção no dia-a-dia escolar, me proporcionou momentos de dificuldade, análises e reformulações.

Não há dúvidas de que em alguns momentos precisei superar determinados pontos negativos, como a ausência de alguns alunos em sala de aula, algumas ofensas verbais entre eles no início do estágio, como se estivessem em um período de testes, para saber qual seria

minha reação frente ao problema.

Houve também a possibilidade de entender, compreender e rever cada passo do plano de aula na prática pedagógica, concebendo assim a importância do planejamento e dos passos metodológicos, mostrando que a argila é um potente material para desenvolvimento integral do aluno. Confirmei que este material, apesar de todos os benefícios e facilidades para o desenvolvimento pedagógico, não está disponível na escola: no armário da sala de aula, continha muito material para uso dos alunos, tais como folhas de ofício, tintas guache, papel colorido, tesouras, lápis de cor e outros, muito bem organizados e catalogados pela professora regente da turma. Fui surpreendida também com a conscientização que os alunos mostraram quanto a importância de cuidar o material de uso comunitário, sempre salientando que a professora titular os ensina a zelar pelas peças. Vejo neste ponto a importância do diálogo, e o carinho com que são tratados dentro da sala, pois só se cuida aquilo que se sabe que é importante.

Todas as atividades do plano de ensino foram pensadas para que os alunos desenvolvessem e acreditassem no seu processo criativo, fazendo com que vivenciassem e valorizassem sua criação artística e experiências estéticas a partir das oficinas oferecidas. No momento da exposição presenciei o quanto foi produtivo o tempo que compartilhamos juntos, todas as rodas de conversa, toda troca de saberes, todas as costuras e entrelaços que criamos com nossas conversas sobre os dias atuais, e as viagens para as quais embarcamos juntos em todos os livros visitados. Enfim, foi maravilhoso e prazeroso presenciar a alegria e o empoderamento do saber de cada um destes alunos da classe do 3º ano.

Tentei proporcionar a cada um deles a compreensão da arte como fato histórico contextualizado a partir do amassar a terra e dar-lhe forma, um gesto primitivo que trabalhamos junto ao conhecimento sobre a história da arte pré-histórica, indígena e africana, influenciando consideravelmente a dinâmica humana e promovendo a autoconfiança e o autodomínio em cada um deles.

REFERENCIAL TEÓRICO

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no Ensino da Arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Arte**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1997.

CARLOS DA SILVA, Luiz Walter. **Resgate Histórico e Cultural Afro-Brasileiro: contribuição para a construção da Identidade Nacional**. Artigo de conclusão Pós-graduação em Arqueologia Brasileira; Belford Roxo, RJ. Instituto de Arqueologia Brasileira, Faculdade Redentor; 2013.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2. ed. Curitiba: Criar, 2001.

DUARTE JR, João. **A montanha e o videogame: escritos sobre educação**. São Paulo: Papyrus, 2010.

D'ANTINO, Cecília. **O Barro e a Expressão do Excepcional**. In: CAMARGO, Luís (org.). **Arte-educação: da pré-escola à universidade**. São Paulo: Nobel, 1989.

FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições**, São Paulo: Cortez, 2009.

FUSARI, Maria F. Rezende; FERRAZ, Maria Heloísa C. Toledo. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1992.

IAVELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança**. Prática e Formação de educadores. Porto Alegre: Zouk, 2006.

GABBAI, Miriam B. Birmann. **Cerâmica Arte da Terra**. São Paulo, SP: Callis LTDA, 1987.

GASPAR, Madu. **A arte rupestre no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2006.

MORAES, Rosana Eulâmpio. **A poética da escultura: estudos do uso da argila na arte-educação.** 2012. 51p. Trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais – Licenciatura. Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

PALMARES, Fundação Cultural. **Fundação Palmares celebra o mês da Consciência Negra.** Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=43438>> Acesso em: 16 ag. 2017.

VIEIRA, Elaine; VALQUIND, Lea. **Oficinas de ensino: o quê? Por quê? Como?** Porto Alegre: EDIPURS, 2002.

VISUAL ARTE. **Projeto tintas naturais.** Disponível em: <<http://visualartevisual.blogspot.com.br/2011/11/projeto-tintas-naturais.html>> Acesso em: 16 ag. 2017.

WIKIPÉDIA. **Tainá** - Uma Aventura na Amazônia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tain%C3%A1_-_Uma_Aventura_na_Amaz%C3%B4nia> Acesso em: 16 ag. 2017.